


Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes
Departamento de Ensino de Ciências e Biologia

Danielle Cristina Duque Estrada Borim

Prática docente e desencanto:
a influência das condições de trabalho na dinâmica em sala de aula

Rio de Janeiro
2009

Danielle Cristina Duque Estrada Borim



Prática docente e desencanto:
a influência das condições de trabalho na
dinâmica em sala de aula

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^a Ms. Lucienne Sampaio de Andrade

Rio de Janeiro
2009

Danielle Cristina Duque Estrada Borim

Prática docente e desencanto:
a influência das condições de trabalho na dinâmica em sala de aula

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em _____

Banca examinadora: _____

Prof^ª. Ms. Lucienne Sampaio de Andrade (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof^ª Ms. Rosalina Maria de Magalhães Fernandes
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof^ª Dr. Cibele Schwanke
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro
2009

DEDICATÓRIA

À todos aqueles que estiveram presentes ao longo da minha caminhada me ajudando com palavras de apoio e determinação: família, amigos e amor.

EPIGRAFE

A profissão docente sempre foi e será importante para a sociedade
Magali de Castro – PUC-Minas

RESUMO

A profissão docente e a Educação no Brasil vêm passando por grandes transformações desde o século XIX, quando surgiram as primeiras Escolas Normais incumbidas da formação de professores para atuarem nas escolas primárias do país. Apesar da grande importância da Educação e do professor, essa carreira é considerada uma profissão difícil, mal remunerada e desvalorizada socialmente. O presente trabalho teve como objetivo pesquisar e tentar compreender se a desmotivação dos professores, em virtude das problemáticas atuais, influencia na mudança de sua dinâmica em sala de aula. Para isso, a metodologia utilizada foi baseada numa pesquisa qualitativa de caráter exploratório, onde o grupo de amostragem era de professores da rede pública e privada de ensino do Estado do Rio de Janeiro, os quais foram entrevistados e seus relatos transcritos neste trabalho. Vale ressaltar que este trabalho não significa um fechamento de pensamentos, mas sim um início de estudos dinâmicos que visam uma maior valorização do profissional de educação.

Palavras-chave: Prática docente, carreira de professor, desmotivação, desencantos

ABSTRACT

The profession teaching and Education in Brazil comes major changes since XIX century when aroused that first Normal Schools responsible training of teachers to work in primary schools of the country. Even though of great important and teacher, this career has as position present-day to be a profession difficult, underpaid and undervalued socially. The present study aimed to research and try to understand the disincentive the teachers, because of the problems present-day, influence in changing to his dynamic in the classroom. For that the methodology was based on a qualitative study of nature exploratory, where the sample group was teachers in the public and private schools in the State of Rio de Janeiro, who were interviewed and their accounts entered in this study. It is noteworthy that this work not means a closure of thought, but one in heat studies dynamics to achieve greater value of professional education.

Key words: Practice teaching, career of professor, discouraging, disenchantments.

SUMARIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 ENTENDENDO O QUE É SER PROFESSOR.....	11
3 METODOLOGIA.....	14
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	16
4.1 O porquê da escolha pelo magistério e suas expectativas.....	16
4.2 Desafios encontrados na carreira docente e suas conseqüências.....	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: Aprendizagem para o futuro.....	25
6 REFERÊNCIAS.....	26
APÊNDICES	

INTRODUÇÃO

A Instituição de Ensino vem passando por uma grave crise de desvalorização, tanto por parte dos profissionais que nela atuam, como do próprio ensino: os baixos salários dos docentes, descaso das autoridades em melhor qualificar o ensino público, problemas de infraestrutura nas escolas, evasão escolar, são alguns dos problemas encontrados (CASTRO, 2005).

Para agravar essa crise, a escola se tornou algo desinteressante quando comparada aos tantos aparatos da tecnologia, por onde se pode obter informações e “aprender” conceitos, devido às inovações de imagens e sons aliados a maior possibilidade de acesso ao mundo virtual. Além disso, segundo Kerckhove (1997), a escola passou a ser vista como um local onde se aprendem conceitos ultrapassados e concepções distorcidas ou preconceituosas a respeito do mundo e da cultura. Talvez uma solução real para tal problema seria, segundo o mesmo autor, “mudarmos as nossas percepções e não apenas as nossas teorias” (ibidem, 1997,).

A profissão docente e a Educação no Brasil vêm passando por grandes transformações desde o século XIX quando surgiram as primeiras Escolas Normais, incumbidas da formação de professores para atuarem nas escolas primárias do país, como destaca Mourão (1962). Numa escala mundial, a importância e o reconhecimento da profissão docente enquanto preocupação das políticas públicas é relativamente recente. Siniscalco (2003) acredita que a mudança progressiva na atenção que as políticas dedicam aos professores enquanto protagonistas da melhoria educacional deu-se a partir de uma Conferência Intergovernamental Especial, realizada pela OIT e pela UNESCO, em Paris, em 1966, a qual enfatizou a interdependência entre o *status* dos professores e o *status* da educação. Segundo Brandão (2000) a importância da educação e de quem educa se manifesta assim:

Fomos um dia o que alguma educação nos fez. E estaremos sendo, a cada momento de nossas vidas, o que fazemos com a educação que praticamos e o que os círculos de buscadores de saber com os quais nos envolvemos estão constantemente criando em nós e fazendo conosco. (BRANDÃO, 2000, p. 451).

Na análise dos processos da Educação entramos no campo da Didática que tem como objeto de estudo o processo de ensino-aprendizagem. Tal processo está sempre presente, de forma direta ou indireta, no relacionamento humano. O professor funciona como agente ativo desse processo. Lembrando que depois de Piaget não se pode mais entender o ensino como a

simples apropriação de um conteúdo, de uma informação, um conhecimento ou uma atitude. Segundo Piaget (1973) os principais objetivos da educação são a formação de homens "criativos, inventivos e descobridores", de pessoas críticas e ativas, e na busca constante da construção da autonomia.

Uma série de problemas, na Educação e no mundo, ocorre atualmente e acaba interferindo na escola, na organização curricular e no trabalho dos professores. A multiplicidade de papéis da escola, como por exemplo, a transferência da responsabilidade quanto à educação da criação e preparação do jovem cidadão para o convívio em grupo e em sociedade (AQUINO, 1996), muitas vezes confunde o professor, dificulta o relacionamento entre as pessoas e interfere na relação dos professores com os alunos. Além disso, temos a burocratização, a indisciplina e violência que se agravam, inclusive dentro da sala de aula e contra o próprio professor.

O exercício da docência nos dias atuais também é marcado pela grande influência dos meios de comunicação que pode interferir negativamente na vida do(a) professor(a). Já que, a televisão e as facilidades de acesso ao "conhecimento" pela Internet, "além de terem reduzido o interesse pela leitura, trouxeram uma auto-suficiência para os alunos e uma conseqüente redução da importância do professor, enquanto pessoa que domina o conhecimento e é responsável pela sua divulgação", como relata em sua pesquisa Castro (2005).

O ideal seria o uso consciente e responsável, com comprometimento de cidadão, dos novos recursos tecnológicos (proporcionados pela Internet e pelos computadores) e aplicações dessa multimídia, podendo assim acrescentar muito, como uma ferramenta que alunos e professores dispõem para o seu desenvolvimento mais amplo como cidadãos bem informados, cientes dos seus direitos e deveres, como sugere Santomé (2006).

Outro ponto abordado no trabalho foi à experiência obtida com o início da docência. Muitos autores, dentre eles Garcia (1998), Tardif e Raymond (2000) e Huberman (2000), indicam esse início como um período no qual o professor vivência situações inesperadas e difíceis. Também é considerado um período rico na construção de saberes ligados à prática docente. Sendo assim, a construção dos saberes específicos da docência, poderão influenciar todo o processo de desenvolvimento profissional. Além disso, saber lidar com essas situações, que muitas vezes aparecem simultaneamente, junto à atenção que os alunos requerem e que o professor quer dedicar a cada um, faz com que o professor sinta grande cansaço e exaustão no trabalho.

Apesar da grande importância da Educação e do professor, esta carreira tem como posição atual ser uma profissão difícil, mal remunerada e desvalorizada socialmente. Santomé

(2006), ao abordar essas problemáticas, estabelece de imediato uma relação mútua ao mencionar a tríade de termos: "desmotivação", "desmoralização" e "desilusão". Tal conjunto sugestivo de substantivos, prefixados com negação, certamente traduz sentimentos experimentados pela grande maioria dos professores e professoras. São tantos os problemas encontrados no campo educacional que isso leva o professor a se desiludir com sua profissão. Mas o problema não está somente na instituição de ensino como unidade, e sim em todo o sistema regente. A luta pela valorização da profissão passa pelo conflito e pela ação coletiva, como afirma Contreras (2002):

"O reconhecimento da significação social e política da intervenção educativa se transforma por vezes em práticas de oposição e em ações estratégicas que ampliam o significado da prática profissional do ensino. Já não estamos falando do professor ou da professora, isolados em sua sala de aula, como forma de definir o lugar de sua competência profissional, mas da ação coletiva e organizada e da intervenção naqueles lugares que restringem o reconhecimento das conseqüências sociais e políticas do exercício profissional do ensino". (CONTRERAS, 2002, p. 82).

O presente trabalho teve como objetivo fazer uma pesquisa de caráter exploratório pesquisando e tentando compreender se a desmotivação do docente realmente influencia na mudança de sua didática – por que e como o docente decide mudar a sua didática em virtude das problemáticas atuais.

A importância dessa pesquisa está no fato de tentar relatar pareceres de professores já formados e com experiência, que servirão de apoio para professores em formação. A necessidade de pesquisas assim se justifica a dar novas visões a respeito da educação no país e no mundo. Outro fato a ser destacado, é que o relato dessas experiências pode ampliar o campo de atuação do professor em formação, elevando pontos positivos e aprendendo com os pontos negativos.

2 – ENTENDENDO O QUE É SER PROFESSOR

Ao pensar sobre o que é ser professor, pode-se obter uma resposta direta: ser professor é saber ensinar, ou ainda, explorando o significado do trabalho do ser professor podemos citar Basso (1998):

“Para os professores o significado de seu trabalho é formado pela finalidade da ação de ensinar, isto é, pelo seu objetivo e pelo conteúdo concreto efetivado através das operações realizadas conscientemente pelo professor, considerando as condições reais e objetivas na condução do processo de apropriação do conhecimento pelo aluno” (BASSO, 1998).

Porém esta resposta carrega consigo uma grande complexidade, assim como a formação desse profissional que é uma ação complexa como o próprio. Isso porque cada professor passa por um processo de formação significativo, quando consideramos os seus próprios referenciais escolares, familiares, culturais, econômicos e políticos. Assim, como assinala Nóvoa (2000), o professor passa por um “processo identitário” que envolve a construção de uma “maneira de ser e estar na profissão”. Ao longo de sua formação o indivíduo vai se aprimorando e incorporando os resultados da sua história social e acaba por se objetivar dentro dessa história, sendo assim a sua formação se realiza através de uma relação entre objetivação e apropriação (BASSO, 1998). Concluindo este pensamento Duarte (1993) diz:

A formação do indivíduo é, portanto, sempre um processo educativo, mesmo quando não há uma relação consciente (tanto de parte de quem se educa, quanto de parte de quem age como mediador) com o processo educativo que está se efetivando no interior de uma determinada prática social.” (DUARTE 1993, p. 47-48)

Procurando entender melhor o que é ser professor podemos analisar a história da profissão docente no Brasil. Durante o período imperial, o governo vigente responsabilizava-se pela manutenção dos cursos superiores, então existentes e reduzidos, e atribuía às províncias a responsabilidade pelo ensino primário e secundário. Foi deste período o surgimento do ideal de se formar o professor para o magistério “primário” (CASTRO, 2005).

A criação das escolas normais, nas décadas de 30 e 40 do século XX, representou nova etapa no processo de institucionalização da profissão docente, o qual foi marcado pela restrição do controle estatal e pela busca de melhoria do estatuto sócio-profissional dos docentes. Os primeiros decretos de criação de Escolas Normais surgiram em vários pontos do país: Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo, nem todas sendo logo inauguradas. Desde então a profissão docente e a Educação no Brasil vêm passando por grandes transformações (CASTRO, 2005).

Analisando o contexto histórico dessa profissão no mundo, podemos observar que inicialmente o processo de inserção formal de determinados segmentos de classe do sexo feminino no mercado de trabalho ocorreu, dentre as alternativas existentes no século XX, para o seu confinamento doméstico. Entre elas estavam as profissões de magistério, de enfermagem e de outros empregos ligados ao domicílio. Segundo Tardif e Raymond (2000) isto porque a inserção dessas mulheres no mercado de trabalho se deu em profissões que têm (ou que passaram a ter) características similares às da esfera doméstica; no caso, atividades de cuidados e responsabilidade relativos à casa, aos filhos e ao esposo.

Partindo deste ponto observamos uma feminização do magistério. Segundo Louro (1998), a representação do magistério como uma profissão feminina, como verificada em diversos estudos, influi e determina não apenas a “opção” pelo magistério, como também o funcionamento das salas de aula e os modos de ser e exercer esse ofício. Isto é, não só pela presença progressivamente maciça das mulheres nessa atividade de trabalho, mas também por uma certa maneira - considerada feminina - de perceber e de exercer o magistério.

Essa presença marcada pelas mulheres no magistério, principalmente no Brasil, é considerada por alguns autores como uma das responsáveis pelo favorecimento do rebaixamento salarial e a desvalorização dessa profissão (NEVES, 2006).

Nos dias de hoje, a profissão docente passa por uma grave crise, assim como a própria Educação no Brasil, configurando um quadro de grande complexidade que tenta redefinir o real papel do professor e da Educação na sociedade. Isso se dá principalmente devido a nova reconfiguração do papel fundamental desse professor dentro da comunidade. O professor tem seu papel no processo de ensino-aprendizagem, sendo um agente ativo na formação de futuros cidadãos, porém para isso ele (a) encontra vários obstáculos nesse percurso entre eles as dificuldades financeiras e estruturais. Mas mesmo assim, Nóvoa (1999) acredita que os professores serão chamados para desempenhar o seu papel construindo uma “sociedade do futuro cumprindo o seu papel nesta sociedade.

Quando tentamos analisar essa crise, nos deparamos com quadros de profissionais da Educação passando por grandes desafios, ainda mais quando analisamos o sistema de ensino público brasileiro. Tais desafios, encontrados principalmente nos últimos trinta anos, levaram um grande número de pesquisadores a se dedicar ao estudo do fracasso escolar, focalizando especialmente o aluno e os entraves ao seu rendimento (LAPÓ e BUENO, 2003). Isso explica, de certo modo, porque os professores e a temática de sua formação levaram um tempo maior para ocupar espaços mais privilegiados, tanto no âmbito das políticas educacionais como no das agendas de pesquisa. Somente após alguns anos, as práticas de ensino começaram a

receber mais atenção e foram contempladas, progressivamente, por um olhar sobre a vida e a pessoa do professor (NÓVOA, 1994). Mas mesmo assim, essa perspectiva de investigação tem contribuído para trazer a público a insatisfação dos professores no magistério, um tema que tem sido objeto de estudo cada vez mais freqüente nos últimos anos, tanto no Brasil como em outros contextos.

3- METODOLOGIA

A intenção desse trabalho foi pesquisar e tentar compreender se a desmotivação do docente realmente influencia na mudança de sua dinâmica em sala de aula, ao longo de sua carreira.

Sendo assim a metodologia utilizada foi uma pesquisa qualitativa (com uma entrevista do tipo semi estruturada) de caráter exploratório, onde o grupo de amostragem era de 6 professores pertencentes as rede pública e privada de ensino do Estado do Rio de Janeiro. O roteiro, que contém as questões levantadas que serviram de base para o desenvolvimento das entrevistas, pode ser encontrado no apêndice 1.

A escolha por esse tipo de entrevista, semi-estruturada, se deu pelo fato dela possibilitar uma narrativa o que, segundo Cunha (1997), possibilita que uma pessoa relate os fatos vividos, sendo possível perceber a reconstrução da trajetória percorrida com novos significados: “ao mesmo tempo em que o sujeito organiza suas idéias para o relato - quer escrito, quer oral - ele reconstrói sua experiência de forma reflexiva e, portanto, acaba fazendo uma auto-análise que lhe cria novas bases de compreensão de sua própria prática” (ibidem, 1997, p.3).

Em relação ao grupo de amostragem, a princípio foi de 6 professores, que participaram de uma entrevista individual (escrita / gravada), a qual foi posteriormente analisada. Seus nomes foram preservados para evitar possíveis constrangimentos. Através desse sigilo, a transcrição de pensamentos e relatos de experiências desses docentes ao longo de suas carreiras pode ser melhor explorada.

Dentro desse número de amostragem de professores, o objetivo foi tentar alcançar a carreira docente em três estágios (2 integrantes para cada fase):

- Fase inicial (professores recém-formados ou com poucos anos de docência): professores A1 (A1, 1) e A2 (A2, 1) ambos com 1 ano de docência – Os professores nesta fase da carreira é encarado como um individuo cheio de sonhos e expectativas a respeito a seu futuro profissional.
- Fase intermediária (professores entre 10 e 20 anos de docência): professor B1 com 14 anos de docência (B1, 14) e professora B2 com 20 anos de docência (B2, 20) – Os professores nesta fase da carreira já passaram por grandes desafios e já carregam certa experiência. Podem ainda estar empolgados ou não em relação à carreira docente.
- Fase final (professores com mais de 20 anos de docência): professora C1 com 25 anos de docência (C1, 25) e professora C2 com 27 anos de docência (C2, 27) – Os

professores nesta fase da carreira já demonstram certo cansaço porém muita experiência, alguns até servem de exemplo para os iniciantes na profissão.

Vale ressaltar que este número é apenas um ponto inicial para futuras pesquisas que possam abordar a temática da Prática Docente e seus desencantos.

Após a realização das entrevistas, houve uma avaliação de dados e suas transcrições, levando em conta os levantamentos bibliográficos (fundamental para se desenvolver tal pesquisa), anteriormente elaborados, visando um esclarecimento da problemática levantada.

4 – RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 O porquê da escolha pelo magistério e suas expectativas

A escolha de uma carreira é sempre algo muito marcante na vida de um indivíduo. Para muitos dentro desta escolha há uma grande pressão psicológica, pois podemos dizer que é através dessa escolha que se define o rumo e o sucesso profissional na vida desse indivíduo. Segundo Huberman (1989), o desenvolvimento de uma carreira é um processo e não uma série de eventos, sendo que para alguns ela é um processo linear e para outros ela ocorre em etapas, com regressões, declínios e descontinuidades.

Contribuindo com a escolha de uma carreira, o indivíduo terá que pensar que o ato de trabalhar não é somente transformar um objeto ou uma situação em uma outra coisa, mas também é “transformar a si mesmo em e pelo trabalho” (DUBAR 1992,1994). Isto significa que o trabalho pode modificar a identidade do trabalhador, porque trabalhar não é somente fazer alguma coisa, mas fazer alguma coisa de si mesmo consigo mesmo (TARDIF e RAYMOND, 2000). E isso não se restringe somente à área da educação, qualquer profissional terá que se doar para se tornar em um bom profissional.

Sendo assim, quando aplicamos essa definição à escolha pelo magistério podemos falar que o professor não é apenas um mediador do conhecimento, mas é também um agente ativo e transformador, que pode modelar indivíduos: não basta ser professor, mas sim estar professor (NÓVOA, 2000).

Além disso, também é fundamental considerar o objetivo do professor, é preciso descobrir o que motiva esse profissional, o que incita o docente a realizar este trabalho, qual é o sentido desta atividade (BASSO, 1998). Esta motivação foi encontrada em uma das respostas dadas por um dos professores entrevistados quanto à escolha pela carreira do magistério sendo bem esclarecedora:

“Antes de mais nada, a vocação, o gosto pelo saber e a vontade de poder transmitir esse saber para outras pessoas. O magistério proporciona um constante aprendizado tanto a quem ensina quanto para quem aprende.” (ProfessorB1, 14)

A vocação para o magistério é uma das premissas pela escolha em lecionar. Para Valle (2005), juntamente com a vocação, o dom é outro conceito mencionado para explicar o ingresso no magistério e justificar os projetos profissionais vislumbrados.

Outro ponto abordado em algumas respostas foi o reconhecimento da profissão docente sendo considerada de grande importância e que ela trazia um bem estar ao professor –

o ato de dar aula gerando satisfação – assim como as oportunidades que a carreira atualmente proporciona:

“Na minha concepção, educar é uma das mais importantes ferramentas na formação de um cidadão em busca de uma sociedade mais justa, com qualidade de vida” (Professor B1, 14).

“Primeiramente porque eu gosto, me sinto bem numa sala de aula, ajudando na construção do conhecimento. Segundo, porque é uma profissão magnífica, com várias opções durante a carreira, desde o ensino fundamental até o universitário, passando pelo técnico até a alfabetização” (Professor A2, 1).

Por outro lado, uma das professoras entrevistadas mencionou que entrou para o magistério por falta de opção de trabalho dentro de sua própria condição financeira e de perspectivas também, mas que, ao longo da própria formação, acabou por se apaixonar pela profissão, demonstrando uma importante relação afetiva com as crianças o que em muitos casos contribui para a persistência na profissão.

“A princípio não escolhi. Depois de entrar no curso normal, me apaixonei e mais ainda quando comecei a trabalhar com as crianças”. (Professora B2, 20).

Uma outra resposta pode justificar a razão da profissão docente ser uma das maiores categorias profissionais do país. Segundo o INEP (BRASIL, 1997), o Brasil possui cerca de um milhão e seiscentos mil professores em exercício somente na Educação Básica. Isto faz com que o magistério seja uma das maiores categorias profissionais do país, e permite afirmar que a escola e o sistema de ensino de um modo geral estão entre os setores da sociedade que mais oferecem oportunidades de emprego formal para a população. Ainda dentro desta mesma resposta o professor mencionou que a experiência dentro da faculdade o fez direcionar a sua carreira para a docência, apesar de também ter tido o interesse no campo da pesquisa:

“Você viver de bolsa não ti(sic) dá muita segurança... já no campo do magistério no ponto de vista financeiro ti (sic) dá essa estabilidade essa segurança, não vai faltar trabalho para você. A carência é grande então tem sempre alguma coisa pra fazer” (Professor A1, 1)

Quando um indivíduo escolhe uma carreira, essa escolha carrega uma série de expectativas – sonhos e ideologias. Ao se formar, esse profissional tenta aplicar o que aprendeu ao longo do curso de formação para assim, enriquecer suas aulas. Analisando as respostas dos professores entrevistados, todos possuíam expectativas que em grande parte foram alcançadas:

“As minhas expectativas eram de poder lecionar com desenvoltura e poder ajudar aos alunos e até agora elas foram alcançadas sim” (Professor A2,1)

“As minhas expectativas maiores eram de poder atingir os meus alunos, proporcionando aos mesmos uma consciência crítica de tudo que os cerca, relacionando com as questões ambientais, às de saúde e o uso de novas tecnologias” (Professor B1, 14).

Porém, apesar de toda uma dedicação e carinho pela profissão, não é incomum encontrar problemas e grandes desafios enfrentados pelos profissionais da Educação de um modo geral.

4.2 Desafios encontrados na carreira docente e suas conseqüências

“Só conhece uma sala de aula quem vive numa sala de aula” Neves, 2006

Quem escolhe a carreira docente para seguir sabe desde a formação que se trata de uma carreira difícil, com grandes desafios a serem enfrentados principalmente no sistema público de ensino: a questão salarial, as longas jornadas de trabalho, a indisciplina e desmotivação dos alunos, a desvalorização do profissional de Educação, as péssimas condições de trabalho oferecidas a este profissional. Alguns destes itens foram observados em uma das respostas onde o professor relata as dificuldades encontradas já no seu primeiro ano dentro do magistério:

“Ai é o que eu disse, ninguém entra na carreira do magistério sem saber o que esta acontecendo hoje... salas cheias, más condições de trabalho: janela quebrada, cadeira quebrada, aluno que não quer nada, quer atrapalhar, então é difícil, e tem também a parte financeira a pessoa entra sabendo... e também o que vendem pra gente em respeito aos alunos desmotivados... tem também o que a mídia fala também que você não tem condições de trabalho ideais... é um trabalho que você se relaciona com o público não é verdade? Então você tem que saber lidar com pessoas... o que é difícil... você vê os problemas, as carências, vê se aquela pessoa ta (sic) entendendo o que você ta (sic) falando... controlar uma turma de adolescentes, de crianças também é difícil” (Professor A1, 1)

Através do relato desse professor podemos ressaltar o que para muitos autores, como Garcia (1998), Tardif e Raymond (2000) e Huberman (2000) é de grande importância: o início da docência é um período no qual o professor vivencia situações inesperadas e difíceis. Este também é considerado um período rico na construção de saberes ligados à prática docente. Outros autores (FEIMAN-NEMSER e REMILLARD 1996, et al) ainda mencionam a idéia de que os cinco ou sete primeiros anos da carreira representam um período crítico de aprendizagem intensa da profissão, período esse que suscita expectativas e sentimentos fortes

e, às vezes, contraditórios, nos novos professores. Esses anos constituem, segundo esses autores, um período realmente importante na história profissional do professor, determinando inclusive seu futuro e sua relação com o seu trabalho.

Além disso, também é comum observar uma certa frustração desses recém-formados que ao tentar aplicar métodos aprendidos durante a sua formação, encontram dificuldades, porém conseguem quase sempre contornar a situação:

“Eu tento fazer o meu trabalho que é ensinar então o que eu aprendi na faculdade, tento passar o conteúdo, mas eu não posso contornar todos os problemas de uma turma que existem, as problemáticas na escola... não é só você ali. Na escola em que eu trabalho tem vídeo, tem datashow, mas o acesso é restrito, por exemplo, você vai usar o retroprojetor numa aula que você dá de manhã aí a sala de aula tem janelas grandes você apaga a luz e ainda fica uma luminosidade imensa dentro da sala de aula, não têm lugar pra projetar, uma parede branca para projetar aquilo ali, tem trazer o projetor, o painel aí você consegue projetar no painel... e mesmo assim os alunos não vão enxergar, fica difícil, então o melhor é você trazer um cartaz, mas aí para fazer o cartaz o custo vai sair do seu bolso, o tempo que você vai fazer ali.” (Professor A1, 1)

Outro ponto muito relatado pelos professores entrevistados é em relação à postura do aluno em sala de aula que, ao longo dos anos, foi mudando muito. Mas não foi somente o perfil do aluno que mudou, os professores e a Escola como um todo também mudaram, acompanhando a mudança de valores de uma sociedade:

“A escola foi se modificando porque as pessoas se modificaram muito se tornaram mais corporativistas menos amigas, os alunos passaram a ter novos comportamentos... o professor que entra muitas vezes não é mais seu amigo... a arrogância de alguns alunos, muito comum nas escolas da Zona Sul (do município do Rio de Janeiro) o conhecimento pelos alunos das leis e do estatuto do adolescente, e o professor tem que saber lidar com isso, se você souber levar, tudo bem”. (Professora C1, 25)

A questão da indisciplina tem ocupado um espaço cada vez maior no cotidiano escolar e vem se tornando um desafio para professores e gestores educacionais, que não sabem o que fazer para impedir ou minimizar estes conflitos presentes desde a educação infantil até o nível superior, nas instituições de ensino públicas ou privadas. Ela se manifesta nas relações dos alunos entre si, dos alunos com os professores e com o ambiente físico, situações que precisam ser resolvidas em sala de aula, de um modo geral, entre o professor e o aluno. Porém, nem sempre o professor quer se envolver com uma situação limite como essa, principalmente hoje quando se tornam cada vez mais frequentes os casos de agressões físicas de alunos à professores.

Com todas essas situações limitantes, podemos dizer que se torna difícil fazer o aluno compreender o seu papel na sociedade como futuro cidadão, que merece buscar oportunidades

e, acima disso, fazer com que ele compreenda que o professor tem um papel fundamental para que ele consiga uma melhor posição social:

“Diria que existe hoje muita dificuldade em fazer com que os jovens tenham consciência da importância de buscar o conhecimento nas diversas áreas e de que o uso desse conhecimento poderá trazer oportunidades mais a frente. Costumo dizer que o processo de seleção natural age constantemente e os mais preparados conseguirão atingir os seus objetivos. Mesmo nessa adversidade, pois muitas vezes percebo que o aluno não enxerga o professor como aliado, e sim como adversário, alguns conseguem atingir suas metas, o que de fato me contempla também, pois tenho certeza de que em alguma coisa pude contribuir em sua formação” (Professor B1, 14)

Apesar de todos esses relatos obtidos nas entrevistas, podemos encontrar um grande paradoxo ao analisar o sexto inciso, presente no artigo 67 da Lei de Diretrizes e Bases do Ministério da Educação (BRASIL, 1996). Ele menciona que os professores deverão ter condições adequadas de trabalho, porém o que está no papel nem sempre é encontrado na prática, principalmente dentro do sistema público de ensino, que as condições de trabalho são frequentemente relatadas na mídia atual, assim como as freqüentes queixas dos professores.

Um dos grandes problemas, que pode ser desenvolvido como consequência dessas freqüentes queixas, é a desmotivação profissional, que pode afetar até mesmo a saúde. Para Dejourns (1992), a problematização da relação trabalho-saúde é defendida estando o trabalho nunca neutro em relação à saúde, podendo tanto favorecê-la, quanto contribuir para o adoecimento, lembrando que esse efeito não é restrito aos profissionais da Educação. Isso fica evidente quando refletimos sobre o “cenário” de trabalho dos professores e a relação deles com a sua saúde. Surgem queixas, que expressam vivências de sofrimento e muitos processos de adoecimento (NEVES & SILVA, 2006).

Esse quadro de desmotivação pode ter várias consequências, uma delas é quando essa desmotivação alcança a didática desse professor, que acaba por mudar as suas aulas devido o grau de sua insatisfação com o modo que sua carreira é tratada. Isso ficou evidente no relato de alguns professores entrevistados, que puderam observar este fato ocorrendo com outros colegas de trabalho:

“Tu vê profissionais que não estão nem aí, desmotivados do tipo teve um professor que me disse – Depois de 15 anos de magistério eu vou me preocupar com alguma coisa! Então tem casos que eles (professores) dizem que o que você puder fazer para evitar trabalho que ia fazer o que der menos problema para ele melhor! Falou que ia passar todo mundo, tirando o corpo fora mesmo, disse que eles não aprendem nada mesmo... assim eu acho isso uma falta de respeito com a profissão e com os próprios alunos também. Os alunos de um certo modo devem adorar isso, eles (alunos) não sabem que esse professor tem esse pensamento” (Professor A1, 1)
“Eu observo essa desmotivação em outros colegas sim... elas acabam por contagiar o ambiente” (Professora B2, 20)

“Sim, percebo claramente que há desmotivação. As consequências mais diretas são aulas ministradas de forma leviana sem nenhuma ênfase no aluno, e simplesmente como forma de cumprir uma obrigação. Outra consequência é o estresse a que estão submetidos os professores, que desmotivados, tem este problema agravado.” (Professor A2, 1)

Vale lembrar que uma mudança na didática do professor não quer dizer que ele está desmotivado. Ela pode ocorrer por diversos fatores, como por exemplo, a mudança do modo de ensinar para se adequar ao nível de conhecimento que esses alunos possuem. Ou ainda ela pode ocorrer devido à evolução tecnológica, o que permite uma melhor exposição de conteúdos e abordagens diferenciais destes. Isto ficou evidente em algumas respostas de professores que tiveram que mudar as formas de abordagens de certos conteúdos, ou ainda, usam as novas tecnologias para deixarem as suas aulas mais dinâmicas:

“... então os alunos não conseguem te acompanhar naquele ritmo que você quer imprimir naquela turma... então você às vezes chega na sala de aula com aquela idéia: hoje vou terminar o capítulo daquele livro ou aquele assunto, entendeu? Para passar os exercícios para próxima aula, mas você não consegue, porque você vê a dificuldade deles entenderem. Eles não conseguem compreender algo que pra você é muito simples... . Então eles não sabem responder questão, não sabem interpretar questão, mas a gente vai trabalhando isso com exercícios no dia a dia em sala de aula para tentar reverter”(Professor A1,1)

“Só percebi isso, alguns anos depois, quando percebi que as aulas tornavam-se extremamente interessantes, quando se discutia algo do interesse dos mesmos. Inserir o conteúdo apenas, não contempla o mecanismo da aprendizagem. Foi necessário uma mudança e adequação do conteúdo bem como o uso das ferramentas hoje facilitadoras como a internet, por exemplo”(ProfessorB1, 14)

“Como já foi descrito, o primeiro passo é conhecer o grupo com quem você irá atuar. Aplicar o conteúdo próximo da realidade dos alunos é fundamental. Fazer uso da interdisciplinaridade e dos recursos hoje disponíveis como facilitador na aprendizagem, são atributos que com certeza me fizeram mudar na didática”.(Professor B1, 14).

Ainda em outros relatos, alguns professores mencionaram que não mudaram a sua didática ao longo de sua carreira, mas sim aperfeiçoaram as suas aulas. Em um desses relatos a professora relata que sempre tentou tornar a sua aula interessante:

“Sempre tentei buscar aulas diferentes, detesto a mesmice... eu sempre busquei aulas... os recursos áudio/visuais eu passei a usar mais, mas experiências sempre usei muito, laboratórios sempre usei muito... montei 2 laboratórios... os filmes eu não usava passei a usar na sala de aula, saída com alunos sempre sai...sabe eu nunca fui assim... eu detesto sala de aula! Sempre deteste! Quando aluna e como professora, então quando pude sair da sala de aula pra dar aula no pátio , na floresta...eu acho que tem muitas maneiras de fazer o aluno aprender”(Professora C1, 25)

Uma outra consequência dessa desmotivação é o abandono do magistério. A decisão de abandono ocorre quando o profissional não vê mais saídas para a sua insatisfação e isto começa a atingir a sua vida pessoal, o que gerava prazer agora gera dor e descontentamento.

Segundo Bohoslavsky (1977), quando o indivíduo pensa em uma profissão, ele pensa em "algo que se relaciona com a realização pessoal, a felicidade, a alegria de viver, etc., como quer que isto seja entendido" e, quando o envolvimento com esse "algo" deixa de resultar na realização pessoal, a tendência será, certamente, diminuir o envolvimento, diminuir os esforços, havendo assim um enfraquecimento com os vínculos criados no início da docência. Esse enfraquecimento, ou relaxamento dos vínculos, é consequência da combinação de vários fatores geradores de dificuldades e insatisfações, que foram se acumulando durante o percurso profissional e aquilo que um dia foi motivo de prazer - a relação com os alunos - anos depois deixa de ser algo estimulante (NEVES e SILVA, 2006).

"O alunado de hoje, não apresenta mais a fome pelo saber, o professor não é mais visto como aquele que procura ajudá-los na construção do conhecimento. O conflito social, principalmente o familiar, sem regras e atitudes, a violência dentro da escola, e a constante cobrança dos governos em forçar os professores a uma aprovação sem que os alunos tenham competência, além dos baixos salários e valorização do magistério, são de fato uns dos motivos pelo desânimo da classe. As consequências são várias, tais como exonerações, problemas psicológicos, baixa qualidade de vida e de ensino, aumentando somente a irresponsabilidade dos alunos quanto aos seus deveres e um esgotamento físico e mental dos professores" (Professor B1, 14)

Dentro deste relato há um diferente aspecto, que também foi enfatizado por outros professores durante as entrevistas sendo considerado uma das fontes de insatisfação com o magistério: a organização atual do sistema educacional. Esta organização por muitas vezes acaba sendo o reflexo das condições atuais tanto no caráter social, político e econômico gerando mais desencantos:

"A questão é que nós, professores, somos culpados, acho que o governo é culpado, acho que a sociedade é culpada, porque não exige um ensino de qualidade, isso tudo é realmente um beco sem saída, enquanto não houver uma seriedade muito grande por parte de todo mundo vai continuar do jeito que ta (sic), ou piorar... eu acho que se você não ta(sic) em condições de dar aula tira uma licença, seu aluno não pode ser enganado, entendeu? Isso que eu vejo"

"Então desestímulo é por causa da vida, né, você vê tanta forma de violência... o homem... todo mundo fala de preservação ambiental, mas o homem está sendo agredido "ambientalmente" falando... na hora que você vê o Sarney roubando acintosamente e você tendo que pagar um imposto de renda..., na hora que você não tem segurança na rua... então você manda: vamos plantar uma árvore, mas quem vai preservar a minha saúde física?... não é uma saúde ambiental?... quem é que me preserva? Eu também não faço parte dessa saúde ambiental como ser humano?"

"Todos estão interessados numa educação ambiental que não envolve o homem... ele... então eu vejo depressão... doenças sérias: cardíacas ,obesidade, pobre sem dente, que vai de chinelo dar aulas, porque está desvalorizado, desmotivado, mas ao mesmo tempo ele é culpado desse quadro que se instalou porque em nenhum momento fez um ... como vou dizer... escolhi mal mas foi isso que escolhi o que vou fazer então? Vou dar boas aulas, para que os meus aprendem, eu vou querer o melhor para esses alunos e ponto final... dane-se o resto.Apesar de tudo só que eles não fazem isso... eles se entregam ao que o governo quer ..."
(Professora C1,25)

Apesar de todos esses relatos, também houveram professores que mencionaram observar colegas de trabalho ainda motivados, após anos na carreira do magistério, que acabam por motivá-los também. Além disso, foi observado também que alguns desses professores entrevistados os quais já possuem algum tempo na carreira, estarem ainda motivados com suas carreiras apesar das dificuldades encontradas ao longo dela:

“Vejo essa desmotivação em alguns... não em todos... muitos professores de onde trabalho tem motivação... em todos os colégios que trabalhei eu quase não via isso... dizem que nos colégios municipais é assim. Mas esses alguns quando eles estavam desmotivados, estavam desmotivados porque estavam doentes e aí eles reconheciam isso e paravam, entendeu pelo menos no Instituto era assim”. (Professora C1, 25).

“A gente percebe muita desmotivação e motivação: os motivados percebe-se a vontade de trabalhar e em alguns até eu me espelho, o carinho que eles tem com os alunos, o jeito de ensinar...” (Professor A1, 1).

De um modo geral, os entrevistados falaram de profissionais tanto motivados quanto desmotivados e isso não fica restrito à fase que se encontram na carreira. Em um dos relatos, uma das professoras disse observar a desmotivação nos mais jovens, mas não soube explicar o porquê desse fato.

“Eu acho que vejo os mais jovens mais desmotivados do que os mais velhos” (Professora C1, 25).

Um ponto de consenso entre todos os entrevistados foi à importância da Educação em nosso país e a necessidade de haver um sistema de ensino de qualidade:

“A educação é um pilar que tem que ser olhada com um carinho pela sociedade, mais carinho, com mais dedicação, não só pela gente (professores), não só pelos alunos, mas por todos.” (Professor A1, 1)

5-CONSIDERAÇÕES FINAIS: Aprendizagem para o futuro

"O único bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento" (Vigotskii, 1988, p. 114).

Após analisar os diferentes relatos dos professores entrevistados, que possuíam diferentes pontos de vistas sobre o caminhar da carreira docente, foi perceptível que para todos eles a carreira docente é uma carreira difícil, complexa com grandes desafios a serem enfrentados, porém possíveis de serem superados quando há dedicação e comprometimento.

Quando compreendemos como se dão as relações entre o pensamento e a atuação do professor, conseguimos colocar este profissional como agente ativo nos processos de ensino e de aprendizagem. Isto também se torna significativo, contribuindo para uma análise dos contextos educacionais e das relações pessoais com o saber que se estabelece em sala de aula.

Apesar do reconhecimento da importância da carreira, foi notório o quadro de desmotivação de alguns profissionais, como relatados nas entrevistas. Esse quadro de desmotivação é caracterizado como consequência do sistema atual de ensino, onde se vê uma grande necessidade da reforma educacional e também da atual situação da sociedade. Em cima dessa desmotivação o professor pode acabar por mudar a sua didática, se dedicando menos a sua carreira de professor dependendo do seu grau de insatisfação, onde no caso mais crítico, pode levar a este profissional, ate mesmo, a abandonar a carreira docente.

De outro lado, também foi notado a motivação de professores que continuam se dedicando à carreira, tentando sempre atender as necessidades dos alunos, adequando as aulas, tomando-as mais interessantes, utilizando as novas tecnologias.

Por fim este trabalho tentou esclarecer alguns pontos sobre a prática docente, mas não foi conclusivo na questão da desmotivação influenciando na mudança da didática do professor. Isso se deu pelo fato de que a desmotivação ocorre em diferentes fases da carreira docente e a mudança na didática pode acontecer, pelo que foi relatado, para uma melhor adequação ao nível da turma. Sendo assim, este tema fica em aberto a novas pesquisas, que busquem sempre trazer ao professor, e também à sociedade, soluções para uma melhor qualidade de ensino, já que a Educação é fundamental para uma sociedade mais digna.

6-REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICOS

- AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e praticas**. São Paulo: Summus, 1996, p 9-24.
- BASSO, I. S. **Significado e sentido do trabalho docente** Cadernos CEDES vol. 19 n. 44 Campinas, Abril. 1998
- BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**. São Paulo: Martins Fontes, 1977
- BRANDÃO, C. R. **Ousar utopias: da educação cidadã à educação que a pessoa cidadã cria**. In: AZEVEDO, José Clóvis de, GENTILLI, Pablo, KRUG, Andréa e SIMON, Kátia (orgs). **Utopia e democracia na educação cidadã** Porto Alegre: UFRGS/SME, 2000, p. 449-462.
- BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (1997). *Exame Nacional de Cursos: Relatório-Síntese*. Brasília: INEP
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases – LDB** (Lei 9.394/96) Brasília, Brasil
- CASTRO, M. de. **Percorrendo os caminhos da profissão docente: estudo a partir da trajetória de professoras formadas nas primeiras décadas do século XX**. Relatório de pesquisa. PUC/Minas Gerais. Fundação de Incentivo à Pesquisa – FIP, Belo Horizonte, 2005.
- CONTRERAS, J. **A autonomia de professores**. Trad. Sandra Trabucco Valenzuela; rev. Técnica, apresentação e notas à edição brasileira Selma Garrido Pimenta. São Paulo: Cortez, 2002. ISBN 85-249-0870-X
- CUNHA, M. I. da. **Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino**. Ver. Fac. Educ., jan/dez 1997, vol. 23, n. 1-2.
- DEJOURS. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 5.ed. São Paulo, Edt Cortez, 1992.
- DUBAR, C. "Formes identitaires et socialisation professionnelle". *Revue Française de Sociologie*, XXXIII (4), 505-529, 1992.
- _____. "À propos de l'insertion professionnelle: l'insertion comme articulation temporelle du biographique et du structurel". *Revue Française de Sociologie*, XXXV (2), p. 283-291, 1994.
- DUARTE, N. **A individualidade para si**. Campinas, Autores Associados, 1993.
- FEIMANNEMSER,S., & REMILLARD, J. (1996). *The teacher educator's handbook: Building a knowledge base for the preparation of teachers* (O manual do professor educador: Construindo uma base de conhecimento para a preparação dos professores) Perspectives on learning to teach. In F.B. Murray (Ed.), (pp. 6391).San Francisco, CA: JosseyBass

GARCIA, M. C. **Pesquisa sobre a formação de professores: o conhecimento sobre aprender a ensinar.** Revista Brasileira de Educação. ANPED, n.9, set/out/nov/dez., 1998.

HUBERMAN, M. **O ciclo de vida profissional dos professores.** In: NÓVOA, António (org.). *Vidas de professores.* 2ª ed. Porto, Portugal: Porto Ed., 2000. p. 31-61.

LAPO, F. R. e BUENO B. O. **Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério** Caderno de Pesquisas. n.118 São Paulo Mar. 2003

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998

KERCKHOVE, D. (1997). *A pele da cultura: uma investigação sobre a nova realidade eletrônica.* Lisboa: Relógio d'Água.

MOURÃO, P. K. C. **O Ensino em Minas Gerais no Império e na República.** Belo Horizonte: Centro Regional de Pesquisas Educacionais, 1962.

NEVES, M. Y. R. e SILVA, E. S. **A dor e a delícia de ser (estar) professora: trabalho docente e saúde mental** Estudos e Pesquisas em Psicologia v.6 n.1 Rio de Janeiro jun. 2006

NÓVOA, A. **Notas sobre formação (contínua) de professores.** São Paulo, 1994. Conferência pronunciada na Faculdade de Educação da USP

_____, A. **Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 11-20, 1999

_____, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: _____ (org.) **Vidas de professores.** 2ª ed. Ed. Porto, Portugal, 2000, p. 11-30.

PEREIRA, J. E. D. **As licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente** Educação & Sociedade vol.20 n.68 Campinas Dez. 1999

PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro, Olympio – Unesco, 1973.

_____, J. e GRECO, P. **Aprendizagem e conhecimento.** São Paulo: Freitas Bastos, 1974

SANTOMÉ, J. T. **A Desmotivação dos Professores.** Lisboa:Edições Pedagogo. (2006)

SINISCALCO, M. T. **Perfil estatístico da profissão docente.** Trad. B&C. Rev. de textos S/C Ltda. São Paulo: Moderna, 2003.

TARDIF, M e RAYMOND, D. **Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério.** Revista Educação e Sociedade. V. 21, n. 73. Campinas, dez., 2000.

VALLE, I. R. **Carreira de magistério: uma escolha deliberada?** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. V. 87, n. 215, p. 178-187. Brasília, maio/ago 2005

VIGOTSKII, L. S. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar.** In: VIGOTSKII, L.S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem.* 5 ed. São Paulo: Ed. Cone, 1988. p.103-117.

APENDICE

Nome: _____ Data da entrevista: __/__/____
Disciplina lecionada: _____ Instituição: _____
Particular() Publica()

* Os professores foram divididos em 3 grupos: grupo A – professores na fase inicial da carreira
grupo B – professores na fase intermediária da carreira
grupo C – professores na fase final da carreira

Roteiro para entrevista

1. Quantos anos de atuação no magistério? _____

2. Por que a escolha pelo magistério?

3. Quando iniciou a carreira no magistério quais eram as suas expectativas?

_____ Elas foram alcançadas? _____

4. Como eram as suas aulas logo após a sua formação?

5. Você sentiu alguma diferença ao decorrer de sua trajetória com relação as suas aulas ministradas? Caso a sua resposta seja positiva, quais foram essas mudanças?

6. Quais foram as maiores dificuldades encontradas ao longo de sua carreira docente?

7. Você como profissional consegue ver o problema da desmotivação em outros colegas de trabalho? Observa algumas conseqüências? Quais?

8. Na sua opinião, quais são os pontos principais que influenciaram na mudança de sua didática? (caso houve uma mudança na didática)?

Autorizo o uso das informações fornecidas (tanto escritas quanto as gravadas) para o elaboração da monografia da aluna Danielle Cristina Duque Estrada Borim sobre a “Prática docente e desencanto: a influência das condições de trabalho na dinâmica em sala de aula”, que se compromete manter em sigilo o nome dos entrevistados em sua pesquisa de campo.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do professor (a) entrevistado (a)

